

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

189

INSCRIÇÕES 703-705



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2019

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



LINTEL EPIGRAFADO DE *FRONTO*, DE *CONIMBRIGA*

Em 2007, nas escavações realizadas na basílica paleocristã de Conimbriga por Jorge López Quiroga, da Universidade Autónoma de Madrid, foram localizados os dois fragmentos de lintel epigrafado que ora se publicam. Ilustrada fotograficamente na publicação das escavações¹, a peça não foi, tanto quanto nos é dado saber, recenseada epigraficamente até hoje.

Os fragmentos de lintel estavam reaproveitados na construção de um muro de posição estratigráfica incerta (ainda que seguramente tardio)².

Contrariamente ao proposto pelos escavadores³, e em função da reconstituição possível do texto, não é plausível que se trate de peças epigráficas espoliadas do fórum, mas sim de uma peça primeiramente reaproveitada da necrópole de Conimbriga na construção da muralha baixo-imperial⁴ e

¹ LÓPEZ QUIROGA, Jorge; BENITO DíEZ, Laura e CATALÁN RAMOS, Raúl (2013) – La domus tancinus durante la antigüedad tardia y la Edad Media: análisis, evolución y secuencia crono-estratigráfica. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (ed.) *Conimbriga tardo-antigua y medieval*. Oxford: Archaeopress (BAR-IS 2466), 221-280. P. 261, fig. 152-153.

² Id. *ibid.* 230.

³ Loc. cit.

⁴ Como Fouilles II n° 26 (ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges e LÉVÊQUE,

posteriormente removida desta para a construção desse muro tardio⁵.

O lintel seria um paralelepípedo de calcário com uma secção de 38 x 23 cm e um comprimento mínimo de 94 cm (fragmento do lado esquerdo: 52 cm; direito: 42 cm).

Mostra duas faces lisas, trabalhadas com cinzel, que correspondem à face exterior (epigrafada) e inferior (que seria o sofito da porta onde esteve instalado); as duas faces restantes foram apenas desbastadas a escopro. Os topos (faces menores do paralelepípedo) mostram uma anatirose incipiente e, nos cantos superiores direitos, recessos quadrangulares com 13,5 x 10 cm, com uma profundidade de 6 cm, que se destinariam certamente ao encaixe de traves de construção do mausoléu.

A inscrição é feita em boas capitais quadradas de 6 cm de alto, gravadas com pequenos ápices, sobre muito discretas linhas de guia.

A paginação, em contraste, parece ter sido muito mal estudada: a inscrição inicia-se (frag. do lado esquerdo, Frag. A) a 9 cm do bordo da peça, com espaços interliterais de 2 a 2,5 cm, mas termina (frag. do lado direito, Frag. B) a apenas 1,5 cm do bordo, com espaços interliterais reduzidos a cerca de 1 cm; usou-se do lado direito o conhecido dispositivo conimbrigense das letras de menor dimensão, que parece estar ausente no início da inscrição.

Esta observação é importante para a reconstituição da dimensão original da inscrição, que só pode ser

Pierre e Monique (1976) – *Fouilles de Conimbriga II. Épigraphie et sculpture*. Paris: De Boccard), Ficheiro Epigráfico nº ??, o leão funerário publicado em ALARCÃO, Adília (1994) – *Conimbriga. Coleções* (2ª ed.). Lisboa: IPM. P. 163, nº 547; e talvez Fouilles II nºs 37, 40, 47, 60 e 64.

⁵ Sobre as escavações em causa e a sua interpretação: CORREIA, Virgílio Hipólito; DE MAN, Adriaan e REIS, Maria Pilar (2011) – A propósito de uma obra recente sobre o período tardo-antigo e medieval em Conimbriga. *Conimbriga* 50, 127-146. Aliás, no próprio sector da muralha baixo-imperial a que a basílica fica adjacente, existem ainda conservados *in situ*, bem visíveis, dois blocos de coroamento de monumento funerário, de um tipo já conhecido em Conimbriga (ALARCÃO, *op. laud.*, 163, nº 546). Cf. DE MAN, Adriaan (2011) – *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*. Mérida: MNAR (Studia Lusitana 6). P. 95-96.

aproximativamente determinada.

Um paralelo técnico para o lintel, nos columbários de Mérida⁶, mostra um lintel de granito na porta de entrada, com 1,38 m de comprimento (e uma secção de 28 x 48 cm), dos quais os 77 cm centrais correspondem ao vão da porta (Mausoléu dos Júlios). Na reconstituição da lacuna central da peça de Conimbriga devemos ter em conta que, para uma longitude da peça próxima dos 140 cm, poderia o lapicida colocar 7 a 10 letras, correspondentes a 58 cm (46 cm de suporte em falta e 12 cm de lacuna no frag. B), conforme se aproximasse do espaçamento interlitoral mais próximo do início ou do fim da inscrição. Seria, em todo o caso, o suficiente para uma identificação do tipo *nomen, nomen patris f(ilius), cognomen*, ou seja, em concreto:

FRONTO [?? F(*ilius*) T]ERTIVS

Fronto, filho de ..., Tércio

O paralelo arquitectónico referido sugere uma outra observação sobre a paginação: sendo o uso emeritense de a identificação da família proprietária do mausoléu se fazer numa placa epigrafada colocada sobre a porta, é possível que esta inscrição directamente sobre o lintel constitua uma realização posterior à construção do monumento, com a pedra já no local, o que explicaria as dificuldades do lapicida em produzir um resultado elegante.

A onomástica é comum, na província e na região, e é já conhecida na cidade: um *Fronto* é proprietário de uma oficina de Conimbriga, que produziu (ou usou) pesos de tear⁷. *Tertius* é cognome também conhecido em Conimbriga e *Aeminium*⁸.

⁶ MÁRQUEZ PÉREZ, Juana (2006) – *Los columbários. Arquitectura y paisaje funerário en Augusta Emerita*. Mérida: IAM (Ataecina 2).

⁷ Fouilles II 300 a e b (Etienne *et al.*, *op. laud.*, 138).

⁸ AE 1993, 887u (CARVALHO, P. J. Cardoso de (1993) – *Fragmentos de inscrições romanas do Museu Nacional Machado de Castro*. Coimbra: MNMC. P. 9-10, n.º 21).

A reconstituição da inscrição inclina-se mais para a expressão de uma filiação ao modo indígena⁹, o que talvez permita decidir entre duas hipóteses de restituição de outra inscrição de Conimbriga onde o nome aparece¹⁰.

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA¹¹

Foto: H. Rendeiro ©MMC/DGPC



703

⁹ Como *Fronto Silonis f.* e *Fronto Locaetonis f.* (NAVARRO CABALLERO, Miguelagos e RAMIREZ SÁDABA, José Luís (coords.) (2003) – *Atlas antroponímico de la Lusitania Romana*. Bordéus/Mérida: Ausonius/Fund. Estudios Romanos. P. 178-179) e também *Tertia Caenonis f.* (id. ibid., 318) ou *Reburrius Tertius*, ILER 607 (VIVES, José (1971) – *Inscripciones latinas de la España romana*. Barcelona: Universidad/CSIC).

¹⁰ Fouilles II 52, 2ª hipótese (ÉTIENNE *et al.*, *op. laud.*, 79-80).

¹¹ Museu Monográfico de Conimbriga; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos UC. Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2019, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Research Developed under the Project UID/ELT/00196/2019, funded by the Portuguese FCT – Foundation for Science and Technology.

UMA INSCRIÇÃO DE *CONIMBRIGA* REVISITADA

Na sequência da intervenção de renovação do Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, e da reorganização das suas reservas a que ela obrigou, foi localizada uma inscrição de Conímbriga que estava esquecida ¹ e que foi oportunamente transferida para o Museu Monográfico de Conímbriga.

A peça tem de dimensões globais 38 cm de altura, 92 cm de comprimento e 45 cm de largura, sendo formada por dois volumes distintos: um volume superior hemecilíndrico com 92 x 42,5 cm de base e 21 cm de raio (altura), colocado sobre um volume paralelepípedo com 92 x 45 x 16 cm.

A face longa menor deste volume apresenta-se como um listel de 92 x 16 cm, dividido em três cartelas: as duas laterais, de 16 x 12,5 cm, são decoradas com um motivo vegetalista; a central, 68 x 12,5 cm, é delimitada por uma estreita escócia, deixando um campo epigráfico com 65 x 9,5 cm.

A decoração das cartelas laterais é composta por um triângulo cuja base (na lateral da peça) é ladeada por duas rosetas; três folhas de hera ocupam os espaços triangulares assim criados.

A inscrição não oferece qualquer dificuldade de leitura,

¹ Publicada por M. Lurdes RODRIGUES (1960) – Incrições romanas do Museu Machado de Castro. *Humanitas* 11-12 (1959-1960), 112-132, sob o nº 5, p. 117; não foi recolhida no volume II das *Fouilles de Conimbriga* (ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges e LÉVÊQUE, Pierre e Monique (1976) – *Fouilles de Conimbriga II. Épigraphie et Sculpture*. Paris: De Boccard).

desenhada em belas capitais quadradas (com 6,5 cm de altura) separadas por *hederae distinguentes* desenhadas a partir de um raminho estilizado, horizontal, que se alinha perfeitamente com o topo das letras. Lê-se:

D(iis) (*hedera*) M(anibus) (*hedera*) S(acrum)

Não se trata de uma cupa, no sentido de um monumento funerário autónomo², mas sim do coroamento de um monumento funerário de maiores dimensões.

A peça terá coberto uma espécie de sarcófago³, de um tipo já conhecido em *Aeminium*⁴.

Considerando a dimensão da sua cobertura, será hipótese mais plausível que a parte inferior do monumento tenha sido composta por vários blocos ligados entre si, do que a de ele ter sido constituído por um único bloco escavado. Desses vários blocos, aquele destinado ao frontal do monumento terá portado a inscrição que se seguia à dedicatória aos deuses *Manes*.

Não é certo se esse sarcófago se destinou a uma inumação (pouco provável dada a dimensão de base da peça), a uma incineração, ou se o monumento assinalaria tão só uma sepultura subterrânea.

A difusão deste tipo de monumento é efeito de uma corrente geral que ocorre a partir da segunda metade do séc. I d. C.⁵, e que é conhecida, por exemplo, na necrópole da Isola Sacra, em Óstia⁶. As origens de tal corrente podem porventura

² *Contra* RODRIGUES, *loc. cit.*

³ GINOUVES, René (1998) – *Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine*. Roma: École Française d'Athènes / E. F. Rome. Vol. III, 55-56, s. v. Tombeau.

⁴ CIL II, 368 (ENCARNAÇÃO, José d' (2012) – A propósito das *cupae* do *conventus Pacensis*, in ANDREU PINTADO (Javier) (ed.), *Las cupae hispanas: origen, difusión, uso, tipología*, Tudela: Fundación Uncastillo/UNED, 437-450) e CIL II 374 (J. d'Encarnação, com. pes., que muito agradecemos).

⁵ GROS, Pierre (2000) – *L'architecture romaine, vol. II. Maisons, palais, villas et tombeaux*. Paris: Picard. 441-443.

⁶ CALZA, Guido (1940) – *La necropoli del Porto di Roma nell'Isola Sacra*. Roma: Libreria dell' Stato. MEIGGS, Russel (1960) – *Roman Ostia*. Oxford: Clarendon Press. 463-464.

encontrar-se nas províncias da *Asia* e da *Lycia*, onde se verifica uma tendência para valorizar o sarcófago, já não como um contentor encerrado numa sepultura monumental fechada ou subterrânea, mas como um elemento essencial da projecção visual da paisagem funerária⁷.

A presente análise da peça deixa um *caveat* para a investigação epigráfica. O texto que, eventualmente, cobriu a face frontal do monumento, se encontrado isoladamente, seria certamente interpretado como um belo texto em capital quadrada numa inscrição funerária sem invocação aos deuses *Manes*, com uma datação sugerida anterior aos finais do séc. I d. C., podendo o formulário original ser realmente outro⁸.

Finalmente, assinale-se que as características desta peça reforçam a apreciação já feita da estreita ligação das oficinas epigráficas de *Conimbriga* e *Aeminium*⁹.

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA¹⁰

⁷ GROS, *op. laud.* 455-457. GINOUVÉS, *op. laud.* pl. 32-3. Para o caso paradigmático de *Aperlae*: STEELE, James (1992) – *Hellenistic architecture in Asia Minor*. Londres: Academy editions, 148-151; Hobbs, Justine A. (2001). *The tombs of Aperlae in Ancient Lycia: A catalogue and discussion*. Perth: Edith Cowan Un. (https://ro.ecu.edu.au/theses_hons/537, em 8/4/2019).

⁸ Para nos atermos ao *corpus* conimbrigense, serão possivelmente os casos de *Fouilles II* 45 e 49 (Étienne *et al.*, *op laud.*, 73-77).

⁹ LE ROUX, Patrick e FABRE, Georges (1971) – Inscriptions latines du musée de Coimbra. *Conimbriga* X, 117-130, cit. p. 130; ÉTIENNE *et al.*, *op laud.*, 207; ENCARNÇÃO, José d' (1979) – Notas sobre a epigrafia romana de Coimbra, In *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra: GAAC, 171-180, cit. p. 178.

¹⁰ Museu Monográfico de Conimbriga; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos UC. Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2019, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Research Developed under the Project UID/ELT/00196/2019, funded by the Portuguese FCT – Foundation for Science and Technology.



704

OTRA ESTELA FUNERARIA DE UN ESCLAVO EN
MÉRIDA
(*Conventus Emeritensis*)

Mitad superior de una estela de granito local de grano grueso de color ocre, cuyas dimensiones son (61) x 50 x ¿? cm. Se halla en muy buen estado de conservación, con algunos restos de revoco en sus bordes, debidos a su reutilización en la fábrica de un muro levantado en la década de los 1970 (FIG. 1).

La inscripción grabada en su frente conserva sus primeras tres líneas completas y de la cuarta sólo el final. Se dispuso bien alineada a la izquierda, con margen de 4 cm hasta el borde izquierdo y de 20 cm por arriba, hasta la parte más alta de la cabecera. En líneas 3 y 4 hay *vacat* derecho de 7 cm. Las letras son capitales cuadradas de muy buena factura con las P abiertas y la Q de cola prolongada. Las interpunciones circulares. Altura de los módulos ligeramente desigual: línea 1, de 10/9,5 cm (PRI = 10 cm, MVS = 9,5 cm); línea 2, de 8,5 cm (Q = 9 cm); línea 3, de 9 cm; en línea 4 sólo se conserva la parte superior de las tres últimas letras, de (4) cm.

Se encuentra actualmente embutida en la fábrica del muro NE levantado en el piso superior del claustro del Conventual Santiaguista, a 2,84 metros del nivel del suelo, con su cara frontal a la vista y volteada en horizontal (FIG. 2).¹ A mediados del siglo XVI,

¹ Agradecemos, desde el Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida (CCMM), al personal funcionario de la Consejería de Presidencia de la Junta de Extremadura, cuya sede se ubica en este edificio histórico, la noticia del hallazgo del epígrafe, así como todas las facilidades prestadas para su estudio. Especialmente estamos en deuda con don Luciano Fernández Gómez, Coordinador de Análisis y Políticas Públicas del Gabinete de la Presidencia, por su amabilidad y sus valiosas informaciones sobre la historia reciente del edificio.

para acoger la residencia del priorato de la Orden de Santiago, en el espacio de la Alcazaba que ya ocupaba la Casa de la Encomienda se construye el Conventual. Actualmente, este edificio, abierto a la Plaza del Rastro de la capital emeritense, acoge la Presidencia de la Junta de Extremadura.²

Hasta el momento de esta última reutilización en los años 1970, quizás pudo haber formado parte de la colección de piezas arqueológicas que el Museo de Mérida tenía depositadas precisamente allí, en el claustro del Conventual, aunque lo cierto es que no consta en los registros de inventario del propio Museo.

El texto conservado dice (FIG. 2):

Primus
Q(uinti) • Corne-
li • Phoe-
[bi] • şer(vus)

“Primo, esclavo de Quinto Cornelio Febo, [...?].”

La estela, de la que se conserva sólo su mitad superior aproximadamente, debió señalar la tumba de un esclavo de nombre *Primus*. Su *dominus*, *Quintus Cornelius Phoebus*, quizás fuera el encargado de dedicársela, pero también pudo haber sido un familiar cercano o un amigo o tal vez un compañero (*conservus*).³ Es muy posible que en la parte inferior perdida falten varias líneas en las que se hubiera identificado a este dedicante y además, mediante las abreviaturas habituales, expresado la edad de la defunción del difunto y otras fórmulas funerarias convencionales: como la deposicional *hic*

² Para más información sobre la historia y arquitectura de este edificio, ver BARROSO MARTÍNEZ, Y. MORGADO PORTERO, F., *Mérida*, Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida, Mérida, 2007, p. 184-185. IDEM, *Alcazaba árabe de Mérida*, Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida, Mérida, 2007, p. 37-40.

³ En un estudio reciente sobre los esclavos en la provincia de Lusitania, L. A. Curchin certifica que estos con mayor frecuencia fueron enterrados por sus padres, quienes en algunos casos ya habían sido manumitidos mientras sus hijos permanecían en la esclavitud. También participaron, con muy pocos testimonios, hermanos o compañeros esclavos como dedicantes. Sin embargo no consta de momento un solo ejemplo explícito de un esclavo enterrado por su dueño. Ver CURCHIN, L. A., “Slaves in Lusitania: identity, demography and social relations”, *Conimbriga* 56 (2017), p. 100.

situs est, la desiderativa *sit tibi terra levis* o la de delimitación de la sepultura (*indicatio pedaturae*) *in fronte pedes...., in agro pedes....*⁴

El soporte de la inscripción pertenece aparentemente a la tipología de estelas de cabecera redondeada exenta, sin decoración, o estelas “Tipo IA” establecido por varios autores.⁵ Sin poder descartar del todo su adscripción al “Tipo IIA(2): estelas rectangulares de coronamiento semicircular resaltado” (*ibidem*), pues al encontrarse embutida en el muro es posible que sus ángulos rectos superiores hubieran quedado ocultos. El primer Tipo, el I, el más sencillo y el originario, el de la estela de coronamiento semicircular exento, es habitual en Mérida entre las estelas graníticas, con ya al menos una veintena de ejemplares atestiguados.⁶ El Tipo II, el de las estelas rectangulares, está mejor representado aun, con diferentes subtipos a su vez.⁷ La cronología de uso de estos monumentos en las áreas funerarias emeritenses va desde los primeros tiempos de la colonia hasta el primer cuarto del siglo II d. C. aproximadamente,⁸ cuando son sustituidos completamente por otra clase de hitos funerarios graníticos con mayor pujanza, las *cupae*.

En Mérida, las estelas graníticas fueron utilizadas para conmemorar a individuos de diferente *status* social, en especial *ingenui* y *liberti*, aunque no faltan ejemplos de los de más baja condición,⁹ como es el caso de *Primus*. Otros testimonios de esclavos difuntos que aparecen en los epitafios de estas estelas, curiosamente todos ellos grabados sobre el mismo modelo, el Tipo IA, son los de *Perpetuus*, *Catellus*,¹⁰ *Fuscus* (o *Tuscus*), *Prudens* y posiblemente

⁴ Cf. EDMONDSON, J., *Granite funerary stelae from Augusta Emerita* (Monografías Emeritenses 9), Mérida, 2006, p. 65-73.

⁵ *Ibidem*, p. 24-34, Fig. 1.2; HIDALGO MARTÍN, L. Á. *et alii*, *Nueva epigrafía funeraria de Augusta Emerita. Tituli sepulcrales urbanos (ss. I-VII) y su contexto arqueológico* (Memoria. Monografías Arqueológicas de Mérida, 1), Consorcio Ciudad Monumental de Mérida, Mérida – Badajoz, 2019 (= *NEFAE*), p. 52-54, Fig. 3.1.

⁶ Edmondson recoge 17 en su monografía (EDMONDSON, o. c., p. 25-34) y tres más se estudian en HIDALGO MARTÍN *et alii*, o. c. = *NEFAE* n° 5, n° 134 y n° 138.

⁷ En total, 27 ejemplares: EDMONDSON, o. c., p. 35-46.

⁸ *Ibidem*, p. 88-89, Tab. 3.4.

⁹ *Ibidem*, p. 94-97, Tab. 4.1: de las 53 estelas de granito registradas aquí sólo dos son de esclavos con total seguridad.

¹⁰ HIDALGO MARTÍN *et alii*, o. c. = *NEFAE* n° 134 (*Perpetuus*) y n° 138 (*Catellus*). En este último catálogo de inscripciones funerarias de *Augusta Emerita*

*Cruseros*¹¹ (¡varones todos ellos!).

El nombre del esclavo *Primus* también se repite en Mérida en otros individuos de origen servil.¹² Es uno de los *cognomina* latinos derivados de números ordinales (como *Primigenius*, *Secundus*, *Tertius*, *Quintus*, etc.) más extendido para nombrar esclavos, sobre todo aquellos nacidos en casa, los llamados *vernae*.¹³ Así también se constata su fuerte implantación en Hispania,¹⁴ donde es frecuente entre libertos y esclavos.

La onomástica del esclavo *Primus* se completa con la denominación de su *dominus*, identificado mediante sus *tria nomina*: *Q(uintus) Cornelius Phoebeus*. Este porta un *nomen gentilicium* típicamente latino, *Cornelius*, de extendidísimo uso en Roma, Hispania, la provincia de Lusitania y la colonia *Augusta Emerita*,¹⁵ y como *cognomen* el teónimo griego *Phoebeus*, habitual igual que *Primus* entre individuos de extracción servil.¹⁶ En *Emerita* conocemos algunos ejemplos: aquel del sin duda esclavo *Phoebeus Vibiorum [Po]pilliorum Iuventii et Primulae ser(vus)* (*HEp* 5, 1995, 86); y aquellos otros de los *incerti* (bien *ingenui*, bien *liberti*) *P. Curtius Phoebeus*

se presentan seis estelas graníticas inéditas, de las cuales dos conmemoran respectivamente a los dos esclavos citados.

¹¹ EDMONDSON, O. C., n° 4 (*Fuscus* o *Tuscus*), n° 42 (*Prudens*) y n° 3 (*Cruseros*).

¹² Son con seguridad porque así se expresa en su onomástica: *Primus verna* (*EE* IX 172, Torremejía), el liberto *M. Fl. Primus* (*EE* VIII 41 = *ERAE* 277) y las libertas *Helvia M. l. Prima* (*CIL* II 557), *Iunia M. l. Prima* (*AE* 1962, 64), *Numeria Q. l. Prima* (*AE* 1982, 483) y *Iulia Prima lib.* (*CIL* II 5212 = *IRCP* 577, Elvas). Cf. también la esclava *Primigenia* (*ERAE* 355).

¹³ KAJANTO, I., *The Latin cognomina*, Helsinki, 1965, p. 29-30, 73-78, 291; SOLIN, H., *Die stadtrömischen Sklavennamen. Ein Namenbuch* (3 vols.), Stuttgart, 1996, p. 1.142-155; CRESPO ORTIZ DE ZÁRATE, S., *Verna en Hispania romana*, Valladolid, 2003.

¹⁴ ABASCAL PALAZÓN, J. M., *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania* (Anejos de *Antigüedad y Cristianismo*, 2), Murcia, 1994, p. 467, s. v. (con 40 testimonios).

¹⁵ GRUPO MÉRIDA, *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, Mérida-Burdeos, 2003, p. 152-154, 407-408. En Mérida contamos ya con casi 40 atestiguaciones de *Cornelius/a* (cf. sitio web ADOPIA = <http://adopia.huma-num.fr/atlas?CORNELIVS,-A>). Dentro de la Península Ibérica conocemos en el *conv. Caesaraugustanus* un *sevir Augustalis* de nombre *L. Cornelius Phoebeus* (*CIL* II 3002, *Osca*).

¹⁶ Cf. SOLIN, O. C., p. 2.271-272. SOLIN, H., *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch* (3 vols.), 2ª ed., Berlin, 2003, p. 303-306.

(AE 1994, 859e = HEp 6, 1996, 102e = NEFAE 47F) y C. Duccius Phoebus (AE 1994, 841 = HEp 6, 1996, 84). Por tanto, en nuestra estela resulta difícil determinar la condición social de este personaje, el *dominus* de *Primus*: ¿un liberto o tal vez un *ingenuus*? La ausencia de filiación en su onomástica, así como el *cognomen* griego *Phoebus*, apuntan con mayor probabilidad a su condición de liberto.

Con el caso presentado aquí, ya son 38 los esclavos/esclavas seguros documentados de *Augusta Emerita*: 27 son *servi/ae*, 5 *vernae*, 2 *vicarius/a*, más 4 *incerti* por no haberse expresado su condición servil en el epígrafe o haberse perdido tal información. En la formulación onomástica de tan solo 5 de todos ellos no se consideró necesario apuntar el nombre del *dominus* o *domina* de pertenencia. Del resto que sí lo hace, 30 registrados actualmente, 26 son esclavos/as de varones y solamente 4 de mujeres.¹⁷ Por el momento, a partir de los datos entresacados de todos estos testimonios, podemos afirmar que fue corriente que los esclavos y esclavas emeritenses indicaran la onomástica de sus respectivos *domini* con los *tria nomina* de estos (hasta en 12 ocasiones), como nuestro protagonista, o bien con los *duo nomina* en el caso de sus respectivas *dominae* (en tres de los cuatro epígrafes registrados).¹⁸

En conclusión, una nueva estela granítica, con bastante probabilidad procedente del solar urbano de Mérida, aunque cierto es que no consta en ningún registro administrativo conocido tal información – y ni tan siquiera su existencia –, sale a la luz para incrementar el ya importante conjunto de monumentos funerarios de esta tipología hallados en la Colonia Emeritense. El hecho de que en ella se conmemore a un esclavo contribuye a conocer un poco mejor el papel jugado por este colectivo en la antigua capital provincial lusitana.

Fecha: siglo I d. C., segunda mitad, por la tipología del

¹⁷ Además, a esta relación hay que sumar el único caso de un *servus publicus*: *Herennius col(oniae) Emer(itensis) ser(vus)* (ERAE 171).

¹⁸ Cf. HIDALGO MARTÍN *et alii*, o. c., p. 152-157, Figs. 5.22 y 5.23. Téngase en cuenta que esta Fig. 5.23 es una tabla que está incompleta, sin actualizar del todo; faltaría añadirle tres números más, correspondientes a los siguientes esclavos: *Crescens Clem(entis) ser(vus)* (EE VIII 38 = ERAE 260, desaparecida y con dudas sobre su correcta lectura); *Fuscus o Tuscus [S]incerae [s]ervus* (AE 2006, 592 = HEp 15, 26); *Prude(n)s L(uci) C(orneli?) Plac(idi?) ser(vus)* (AE 2006, 611 = HEp 15, 21).

soporte (muy utilizado durante sólo los primeros 150 años de la colonia) y la forma de las letras. La Q de cola prolongada comienza a emplearse en los epitafios emeritenses reiteradamente a partir de mediados del siglo I d. C.¹⁹

LUIS-ÁNGEL HIDALGO MARTÍN²⁰



1



2

705

¹⁹ Cf. *Ibidem*, p. 84-93 = Fig. 4.2.

²⁰ <http://orcid.org/0000-0002-0893-7282>. | <https://consorciomerida.academia.edu/LuisHidalgo> | Email: lhidalgo@consorciomerida.org.

Este trabajo se incardina en el proyecto de investigación financiado por la Universidad de Alcalá (UAH) y la Casa de Velázquez “*Epigrafía funeraria de Augusta Emérita: Novedades, avances, retos*” (2018-2019), de cuyo equipo formo parte.